



EM 16 DE JANEIRO DE 1946 CHEGAVA AO GABINETE DE ALBERT EINSTEIN NA UNIVERSIDADE DE PRINCETON UMA CARTA DE REGUENGOS DE MONSARAZ. ASSINAVA-A ANTÓNIO GIÃO, UM FÍSICO AÍ NASCIDO E NELA ERA PROPOSTA UMA TEORIA DAS FORÇAS FUNDAMENTAIS, UM ASSUNTO QUE NESSA ALTURA OCUPAVA A MENTE DO SÁBIO EXILADO.

Qual não foi o contentamento de Gião quando, quase na volta do correio, chegou a à sua casa de Reguengos uma simpática resposta de Einstein. O autor da teoria da relatividade apresentava alguns cálculos, que exprimiam dificuldades técnicas da proposta do alentejano. Gião replicou com júbilo: parecia um adolescente que obtém resposta de uma *rockstar*! Essa correspondência encontra-se hoje no Arquivo Einstein, na Universidade Hebraica de Jerusalém.

Gião (1906-1969) tinha feito estudos secundários em Évora e, em parte, estudos superiores na Universidade de Coimbra. Foi depois para Estrasburgo, onde se formou em Engenharia Geofísica e Física (Meteorologia), e a seguir para Bergen e Paris. Passou a primeira metade da sua vida científica no estrangeiro. No total, publicou mais de 150 artigos, muitos deles nas melhores revistas como a “Physical Review”, os “Comptes Rendus” (apresentados por Louis de Broglie), o “Journal de Physique”, etc. Foi, salvo erro, o primeiro português a publicar na “Nature” (uma carta em 1926, tinha ele 20 anos, sobre posição das nuvens). Atingiu, por isso, notoriedade internacional suficiente para receber não só um convite para professor no MIT como até um

António Gião, Um Eremita Científico

Carlos Fiolhais

convite para uma expedição internacional de voo sobre o pólo Norte em 1928. Felizmente recusou este último, pois a viagem de dirigível, capitaneada pelo italiano Umberto Nobile, acabou em tragédia. Regressado a Portugal, passou a interessar-se cada vez mais pela física de partículas e cosmologia. Publicou na “Portugaliae Physica”, a revista criada em 1943 (Gião escreveu um artigo sobre meteorologia e outro sobre teoria quântica relativista, no 2º volume), “Portugaliae Mathematica”, “Técnica” (revista dos estudantes do IST), etc. Mas Gião foi um físico isolado, um eremita, sendo Reguengos a sua choupana. Publicou quase sempre sozinho. Foi visto como um nefelibata, para usar uma imagem da sua área de trabalho inicial. Mesmo quando foi nomeado professor catedrático da Universidade de Lisboa, não conseguiu fazer discípulos. Tinha um feitio difícil, diziam uns. Tinha ideias demasiado exóticas (como a dos “microelectrões”), diziam outros, ou os mesmos, pelo que não admira que hoje seja citado em sítios de pseudociência... Tinha tiradas filosófico-poéticas: em 1967 numa conferência em Évora dizia que “o Universo é o manto pelo qual o Ser se protege do Nada”. O certo é que não deixou descendentes científicos. Ainda assim, como director do Centro de Cálculo da Fundação Gulbenkian, organizou em 1963 um encontro de cosmologia em Lisboa, com a presença do alemão Pascual Jordan (um dos criadores da mecânica quântica, muito prejudicado pelas suas ideias nazis) e do inglês Hermann Bondi (astrofísico de origem judaica e grande humanista que defendeu a teoria do estado estacionário em oposição à do *Big Bang*). Gião representa bem a tragédia que foi a ciência nacional na primeira parte do século XX. Mesmo aqueles que se estrangeiraram, bebendo água das melhores fontes, não conseguiram fertilizar um terreno que, entre nós, estava tão seco como o Alentejo no pico do estio.

Carlos Fiolhais é professor da Universidade de Coimbra, sendo director da biblioteca dessa Universidade. É um grande divulgador de ciência, autor de muitos livros, nomeadamente “Física Divertida” e “Nova Física Divertida”.